

## Eleições na França - estabilidade aparente, transformação profunda



Por **MATHIAS BERNARD\***

*É importante não interpretar os resultados deste primeiro turno como uma repetição das eleições de 2017.*

Os resultados oficiais do primeiro turno das eleições francesas parecem confirmar as dinâmicas políticas que também operaram nas eleições anteriores. Emmanuel Macron (*La République en Marche*, LREM) e Marine Le Pen (*Rassemblement National*, RN) foram para o segundo turno - assim como cinco anos atrás, repetindo o mesmo duelo. A última e única vez que isso ocorreu na França foi quando Valéry Giscard d'Estaing (RPR) confrontou François Mitterrand (Partido Socialista) em duas ocasiões, a primeira, em 1974, quando o candidato de direita saiu vitorioso, e a outra, em 1981, quando o socialista triunfou.

Tal estabilidade é amplamente associada à influência dos principais candidatos. Participantes deste jogo há mais de cinco anos, Emmanuel Macron e Marine Le Pen foram capazes de manter uma base eleitoral fiel. No decorrer das últimas semanas, novos eleitores aproximaram-se deles, priorizando o dito 'voto útil' diante de interesses partidários.

### O voto útil

Em comparação com 2017, Macron avançou em quase 4%. O aumento é ainda mais notável quando consideramos que o presidente em exercício abandonou a posição de meio-termo entre a direita e a esquerda que havia garantido seu sucesso inicial e adotou uma agenda que o coloca claramente em uma posição de centro-direita no espectro político.

Este movimento alienou uma fração de seus eleitores de esquerda, mas atraiu uma parcela maior do centro e da direita - uma prova disso é o fraquíssimo resultado (4,7%) de Valérie Pécresse, candidata do *Les Républicains* (LR).

Marine Le Pen teve um avanço similar, com um resultado nunca alcançado pelo *Front National* (FN) e, portanto, pelo *Rassemblement National* (RN) em uma eleição presidencial. Ela também se beneficiou das demandas pelo voto útil e foi, desta maneira, capaz de ultrapassar Éric Zemmour (*Reconquête*), ex-jornalista do *Figaro* e candidato de extrema direita. Inicialmente bem-sucedido em minar sua campanha, Zemmour acabou ajudando Le Pen a completar seu esforço de mais de uma década para "normalizar" sua candidatura. Reivindicando o nicho da direita identitária, Zemmour permitiu que Le Pen insistisse nas questões mais próximas à vida cotidiana, que possuem um apelo maior às classes trabalhadoras.

À esquerda no espectro político, Jean-Luc Mélenchon, do *La France Insoumise* (LFI), obteve seu melhor resultado nesta sua terceira eleição presidencial, também se beneficiando do apoio *in extremis* de um eleitorado moderado de esquerda, cuja maior preocupação era evitar um segundo turno com Emmanuel Macron e Marine Le Pen. Mélenchon chegou a menos de 1,5 pontos de Le Pen, mas não foi capaz de contê-la e ir para o segundo turno.

### Um campo político francês dividido em três

O *momentum* do voto útil, que ganhou força cerca de um mês antes do primeiro turno, parece confirmar a reestruturação, que já estava em curso em 2017, do campo político francês em torno de três polos principais: (i) um polo liberal, centrista e Europeu que atrai, em todas as eleições nacionais, um pouco mais do que um quarto dos votos, mas que, devido aos

mecanismos do sistema majoritário, conseguiu dominar a vida política até agora; (ii) um polo populista e identitário, hoje dominado por Le Pen e representado por dois candidatos cujo resultado acumulado (mais de 30%) constitui um recorde histórico para a extrema direita e para o populismo identitário em uma eleição nacional francesa, sendo assim o polo que mais avançou nos últimos cinco anos; (iii) um polo radical de esquerda, dominado pelo *La France Insoumise*. Acumulando um pouco menos de 25% dos votos, se incluirmos os resultados dos candidatos comunistas e trotskistas.

Tal divisão resulta em uma marginalização dos dois partidos políticos que estruturavam a vida política francesa desde a década de 1970, o *Les Républicains* (anteriormente UMP), de centro-direita, e o Partido Socialista, de centro-esquerda.

## O declínio dos partidos tradicionais: um ar de *déjà vu*

Com menos de 2% dos votos, o Partido Socialista assiste a um declínio que poderia ser meramente circunstancial. Uma tal reviravolta não deixa de nos lembrar do destino do Partido Radical no começo da Quinta República: tendo dominado a esquerda naquele momento, o partido tornou-se vítima da bipolarização do cenário político, provocada pelo Presidente Charles de Gaulle, apenas sobrevivendo devido a uma ampla rede de representantes eleitos, principalmente no sudoeste da França (assim como hoje acontece com o Partido Socialista).

O declínio da direita tradicional é outro fato relevante destas eleições, com a candidata do LR, Valérie Pécresse, conquistando apenas um quarto dos votos que seu partido havia assegurado cinco anos atrás. Este resultado parece ser mais um golpe contra o *Les Républicains*, que obtiveram sua menor parcela dos votos nas eleições europeias de 2019, apenas 8,4%, em comparação com os 20,1% obtidos em 2014. Isso também demonstra quão estreito é o espaço político hoje ocupado por este partido, espremido entre a centro-direita de Macron e a extrema direita populista de Le Pen.

## Desenvolvimentos importantes desde 2017

É importante não interpretar os resultados deste primeiro turno como uma repetição das eleições de 2017. A estabilidade aparente do equilíbrio de forças encobre mudanças importantes. O cenário político continua a se deslocar para a direita. O surgimento da plataforma identitária de Éric Zemmour e a nova proposta política de Emmanuel Macron são provas disso. Ainda que Jean-Luc Mélenchon tenha obtido certos avanços, eles não foram suficientes para compensar o declínio acentuado do Partido Socialista.

O populismo também segue em alta. Em cinco anos, e sob os efeitos de um bom número de movimentos sociais (especialmente os *Coletes Amarelos*), sua retórica tornou-se mais radical. A cisão entre o povo e a elite aparece, mais do que nunca, nas urnas. Este avanço populista enfraquece Emmanuel Macron, cuja posição é menos vantajosa do que pode parecer inicialmente.

O presidente em exercício obtém resultados comparáveis a alguns de seus predecessores que não foram reeleitos no segundo turno: Giscard d'Estaing, em 1981 (28% dos votos), e Nicolas Sarkozy, em 2012 (27% dos votos). Além disso, ele não tem sido capaz de capitalizar o desejo por mudanças, que foi importante para a sua vitória cinco anos atrás. A campanha no intervalo entre os dois turnos irá, portanto, colocar em jogo dois projetos antagonistas, duas visões de sociedade, mas também uma tensão entre, de um lado, o "*dégagisme*" (isto é, uma ideologia política baseada no verbo francês *dégager*, "expulsar" ou "derrubar", que defende a rejeição da classe política estabelecida), hostil ao presidente atual, e, de outro, a defesa, por parte da maioria dos candidatos do primeiro turno, de uma frente coletiva contra a extrema direita.

**\*Mathias Bernard é professor na Université Clermont Auvergne. Autor, entre outros livros, de *Histoire politique de la Ve République: De 1958 à nos jours* (Armand Colin).**

Tradução: **Daniel Pavan.**

Publicado originalmente no portal [The Conversation](#).